

Antonio Candido na revista **Texto**

Luiz Gonzaga Marchezan (UNESP-FCLAr.)

A atenção que Antonio Candido dedicou à análise textual sempre o afastou de práticas ou juízos difusos, atitude presente também quando ensinava, “com paciência e reticência”, conforme depoimento da professora Walnice Nogueira Galvão (1993), sua colaboradora:

os alunos merecem a atenção de uma aula previamente preparada. Uma aula de 50 minutos corresponde, com as ampliações e comentários aduzidos no momento, a exatas quatro páginas datilografadas em papel tamanho ofício e dois espaços. A aula deve ser estudada, fundamentada, redigida ... e até batida a máquina de antemão. Com isso, dizia, em vez de vocês dispensarem esforços, a cada par de anos poderão dispor de um ensaio original pronto para publicar”. (NOGUEIRA GALVÃO, 1993)

Participo desta homenagem a Antonio Candido acerca da sua contribuição para os estudos da linguagem no Brasil, lembrando do seu artigo no primeiro número da revista **Texto**, de 1976, da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara. O propósito dos editores da revista, conforme a Apresentação (1976, p.7) desse primeiro número, foi o de tornar mais conhecidos os trabalhos acadêmicos realizados pela Faculdade de Letras local e buscar intercâmbios com as demais Faculdades da área no Estado e no Brasil. Ainda segundo os editores, ao escolherem o nome **Texto** para a revista, estavam empregando um termo “aparentemente vazio”, estavam traçando um “terreno neutro”, no entanto, “rico em possibilidades”.

O contributo de Antonio Candido, Exercício de leitura, fez-se no primeiro artigo do volume. O então professor de Teoria literária do Câmpus de Araraquara, Dante Tringali, o indicou a nós, seus alunos do quinto semestre acadêmico de 1976, como um exercício de método, estruturado, coeso: um estudo de texto por meio de dados que aparecem e evidenciam relações com um todo de que é parte. Cito, das primeiras linhas do artigo, trecho que consta somente da sua versão para a revista **Texto**, assim como duas outras passagens retiradas dos oito postulados, que Cândido considerou os “lugares comuns para o analista” (CANDIDO, p.9, 1976), também suprimidas do último formato do artigo presente no volume *Na sala de aula*, de 1985. Naquele trecho inicial, lemos:

Quase sempre é mais fácil lidar com os elementos ‘difíceis’ do texto, mesmo porque muitas vezes é o leitor que os faz parecer tais. O presente artigo procura sugerir a conveniência do contrário, isto é, que a análise correta se torna mais acessível, tanto para o professor quanto para o aluno, quando começamos realmente pelo que há de mais evidente e corriqueiro. (CANDIDO, 1976, p.9)

Destaco, agora, em consonância com o trecho inicial ora citado, as passagens dos postulados três e quatro entre aqueles oito constituídos pelo autor, já mencionados:

3-“A análise poética demonstra, frequentemente, que o ‘tema’ quase nunca é o ‘assunto’ ostensivo, ou a conclusão expressa; mas algo escondido que é preciso descobrir”;

4- “Uma análise objetiva e metódica deve começar pelos elementos por assim dizer ‘palpáveis’ do poema, isto é, os que só existem nele, não no espírito do autor ou do leitor. Depois irá para a determinação dos múltiplos ‘sentidos’ que brotam da sua dinâmica, e acabará nos ‘significados’, projeções do sistema de sentidos parciais”. (CANDIDO, 1976, p.9-10)

Nos mesmos idos de 1976, Roberto Schwarz, na linha de pensamento de seu ex-orientador e também por meio de postulados – 19 Princípios para a Crítica Literária, publicados no segundo volume do caderno **Almanaque**, formulou, ironicamente, no 19º princípio, uma entrada para a crítica literária no enfrentamento do texto: “Muito cuidado com o óbvio. O mais seguro é documentá-lo sempre estatisticamente. Use um gráfico se houver espaço”. (SCHWARZ, 1976, p.5)

Os tempos vividos naquela época foram difíceis e crispados para as relações pessoais e acadêmicas; enfrentar um texto era defrontar-se com questões de ordens variadas no trato da matéria textual. Para Roberto Schwarz, então, no primeiro de seus 19 Princípios para a Crítica Literária, era normal, no momento da vida acadêmica: “acusar os críticos de mais de 40 anos de impressionismo, os de esquerda de sociologismo, os minuciosos de formalismo, e reclamar para si uma posição de equilíbrio”. (SCHWARZ, 1976, p.5)

O equilíbrio do pensamento crítico de Antonio Candido deu-se com reflexões continuadas na linha do tempo, conforme escreveu em *A organização do 2º Congresso*, na ocasião do II Congresso de Crítica Literária, realizado na cidade de Assis, em 1958:

pude, pela primeira vez, expor publicamente o meu ponto de vista sobre a relação entre a literatura e a sociedade, mas não do ponto de vista sociológico, mostrando como é que o importante é o dado social ou o dado psíquico ser transformado em forma literária. Isso estava amadurecido na minha cabeça, e eu já tinha tentado em Assis, quando era professor, numa comunicação sobre *Caramuru*, de Santa Rita Durão, um primeiro esforço para mostrar como é que o externo se transforma em interno, como é que o social e o psíquico deixam de ser social e psíquico para se tornarem realidade estética. No Congresso de Assis, pela primeira vez, pude fazer uma exposição teórica disso. Para mim isso foi muito importante. (CNADIDO, 2014, p.217)

Literatura e sociedade, em 1965, trataria de maneira definitiva, para o próprio Antonio Candido, o seu pensamento acerca das relações entre o texto e seu contexto, numa concepção de crítica literária como de conhecimento não-reduzido, em que considerações eventuais – fatos sociais, particulares, pudessem assumir no texto valores ficcionais no campo metafórico da literatura. A condição de entendimento do texto para o crítico, sua apreensão intelectual, atravessa a forma como o factual encontra-se indiciado em determinados níveis do texto. Desse modo, não é necessário evitar a leitura de dados aparentes, óbvios, envolvidos com uma realidade textual e que transparecem em formas textuais. Tais dados merecem explicações.

Antonio Candido reúne matéria sobre estudos de poesia desde 1958, quando lecionou Literatura brasileira na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, onde ficou até 1960, voltando, então, para São Paulo, quando passa a lecionar Teoria literária no Curso de Letras da Usp. Parte de seu trabalho em Assis, entre 1958 e 1960, compõe o já mencionado volume *Na sala de aula*, publicado em 1985, assim como, depois, *O estudo analítico do poema* trará sua prática de análise do texto da poesia elaborada durante o trabalho na Usp nos primeiros anos da década de 60. Nessa última obra, de acordo com o autor:

a “parte que se pode chamar de prática”acha-se “constituída pela análise de poemas de Manuel Bandeira, escolhido como exemplo principal, não apenas pela alta qualidade de sua obra, mas porque ela é provavelmente a única em nossa literatura que permite a um estudante encontrar todas as modalidades de verso, desde os rigorosamente fixos até os mais livremente experimentais”. (CANDIDO, 1993, p.7)

Certamente, tal trabalho, com análises das poesias de Manuel Bandeira, bem realizado e assentado, leva-o, em 1965, a introduzir, ao lado da esposa, Gilda Mello e Souza, a edição de *Estrela da vida inteira*, pela Livraria José Olympio Editora, volume com as poesias reunidas de Manuel Bandeira.

O estudo analítico do poema traz, a partir de 1963, Antonio Candido convicto de sua análise textual e sua economia teórica: “o meu critério foi ensinar de maneira aderente ao texto, evitando teorizar demais e procurando a cada instante mostrar de que maneira os conceitos lucram em ser apresentados como instrumentos de prática imediata, isto é, de análise”. (CANDIDO, 1993, p.6) Sua dedução sobre o texto poético é de que “temos um processo comum na poesia, que consiste em organizar logicamente, racionalmente, um pensamento poético que em si é ilógico, pois está baseado na alteração dos significados normais das palavras. Resulta ao mesmo tempo, no fim do poema, um sentido geral claro e expressivo, e um sentido figurado em cada parte, ambos colaborando para o efeito poético total”. (CANDIDO, 1993, p.75)

Assim, voltando-me para a participação de Antonio Candido na revista **Texto**, deparo-me com um crítico decidido a suas análises de poesia desde seu ingresso na Faculdade de Letras de Assis, entusiasta da poesia de Manuel Bandeira, que opta por realizar, em 1976, um exercício de leitura em torno da poesia Rondó dos Cavalinhos, de Manuel Bandeira, do volume *Estrela da manhã*, de 1936.

Antonio Candido classificou seu artigo na revista **Texto** como “bastante árido”. O método proposto para a análise de Rondó dos Cavalinhos descreve a materialidade do poema assentada por pontuação, rima, ritmo, categoria gramatical e estrofação. Localiza no estribilho uma ênfase que modula o sentido dominante da poesia com a função de levar o leitor a assimilar, metaforicamente, diante de cenário móvel de turfe, mudanças, precipitações nos cenários políticos nacional e internacional. Tais enunciados são óbvios, “fáceis de observar”, “elementos palpáveis”, nas palavras de Antonio Candido (1976, p.9). Tematizam, de forma figurada, a corrida da humanidade para uma acelerada desumanização.

Manuel Bandeira, por muitas vezes, explicou-nos sua poesia. *Itinerário de Pasárgada* traz o roteiro de sua poética; suas crônicas voltaram-se invariavelmente para as circunstâncias do seu processo criativo, assim como em dadas entrevistas concedidas ao longo da vida. Antonio Candido escreveu seu artigo para a **Texto** mediante leitura ou conhecimento do conteúdo de uma entrevista de Paulo Mendes Campos a Manuel Bandeira, publicada na Revista **Província de São Pedro**, em 1949. Para o entrevistador,

a entrevista constitui-se em uma oportunidade para “o próprio poeta se conhecer, explicando-se ...”. (BANDEIRA, 1949, p.136) Assim, em resposta a uma pergunta acerca da gênese de Rondó dos Cavalinhos, Manuel Bandeira revela ao entrevistador que o assunto nasceu de um “almoço no restaurante do Hipódromo da Gávea, almoço de despedida de Alfonso Reyes pelos seus amigos. Do meu lugar à mesa eu via os cavalos na pista”. No que Paulo Mendes Campos complementa: “A respeito desse poema contou-nos Pedro Dantas que o poeta escrevera inicialmente num papel apenas os dois primeiros versos:

“Os cavalinhos correndo
E nós, cavalões, comendo”.
(BANDEIRA, 1949, p.136)

Rondó do Palace Hotel está na sequência do Rondó dos Cavalinhos, mesma página de *Estrela da manhã*. Manuel Bandeira, ainda na entrevista, manifestou-se também personagem do assunto do segundo rondó, revelando a Paulo Mendes Campos que Rondó do Palace Hotel voltou-se para a: “Lembrança de uma farra de Carnaval com Cícero Dias no saguão do Palace Hotel”. (BANDEIRA, 1949, p.136)

Antonio Candido, estudioso da poesia de Manuel Bandeira, entre os dois rondós de *Estrela da Manhã*, optou por analisar o poema que tem a forma mais apurada – Rondó dos Cavalinhos, que traz, da forma tradicional da composição, uma constante, seu refrão na função de um pivô, que sustenta, no caso, articulações entre carências, faltas recalcadas no pronunciamento da voz poética. Desse modo, movimenta o plano da estrutura para a reverberação dos sentidos do poema. Há muita coisa acontecendo de ruim no Brasil e no mundo enquanto Alfonso Reyes, embaixador, poeta e amigo, deixa o país. Leio, por meio de uma voz lírica e mediadora, tal situação encenada numa ocorrência nem tanto pessoal, nem tanto objetiva, a partir do contraste representado pela cena principal – uma corrida de turfe, que situa a leveza dos cavalinhos no prado diante das pesadas figuras dos homens, glutões, no restaurante do Hipódromo da Gávea, conforme o exercício de leitura de Antonio Candido.

As observações constantes do crítico dirigidas para a poesia Rondó dos Cavalinhos partem do entendimento estruturado da mensagem contida no estribilho, seguidas de considerações voltadas para as múltiplas rimas que dão regularidade ao poema e aproximam o leitor, dando-lhe visibilidade do funcionamento de um plano estrutural que alavanca um plano de sentido. Para isso, observa o crítico, os versos do

poema recebem a atenção da pontuação em seus términos, com predominância de reticências presentes a partir, preponderantemente, do estribilho. O estribilho é reticente e, assim, tal reserva marca o ritmo constante, em sete sílabas, de uma ironia melancólica, desesperançosa, de uma voz lírica dividida entre animais, Esmeralda, um grupo de amigos e as coisas do mundo. O juízo plantado pelo estribilho, conforme o crítico, firma um ponto de vista em que os animais correm em cadência e leveza enquanto homens comem a galope e discutem de forma açodada as coisas do mundo, diante, ainda, de outra falta de medida: a da beleza de Esmeralda. A pontuação, a métrica, as rimas do poema, desse modo, encaminham o leitor para uma assimilação do campo metafórico distribuído por meio de palavras falantes em ritmos que reestruturam, entre hiatos, fatos pessoais, históricos, num poema singular.

Rondó do Palace Hotel, como rondó, não atende aos estribilhos na volta de versos; faz-se em três estrofes que constituem uma massa sonora ecoada pelo domínio das vibrantes da primeira estrofe, das sibilantes da segunda e pela presença paralela daquelas duas sonoridades na terceira estrofe; trechos em que, entre a primeira e a segunda estrofes, em versos que variam da sete a nove sílabas, há um movimento de contração dos ânimos e, depois, uma descontração instalada na terceira estrofe entre versos de seis a dez sílabas.

Contamos, assim, no Rondó do Palace Hotel, com algumas cenas voltadas para momentos de dissipação, de grupos que vibram, sibilam, alternadamente, no entanto, conforme o texto, com baixa assimilação metafórica, e, dessa maneira, aquele rondó não quebra “a barreira entre as palavras comparadas” e, assim, não estabelece “uma espécie de realidade nova” (CANDIDO, 1993, p.89), aproximando-se do enigma, de uma cifra. O árido Exercício de leitura presente na revista **Texto** decifra o poema Rondó dos cavalinhos, num exercício de método, numa escolha de professor pelo exercício árido, severo e interpretante.

O poema Rondó do Palace Hotel sustenta-se por uma única rima que promove a ruptura do sentido plantado entre um delírio incessante e a falta de alguém nesse bulício, talvez, pelo indiciado no poema, de uma mesma Esmeralda, como no *Rondó dos cavalinhos*.

Rondó dos Cavalinhos e Rondó do Palace Hotel tocam no tema da falta, não presença, ausência, carência: a ausência de alguém fará falta, já faz falta. A falta da saúde, a falta da família, já morta, a falta de amigos compõe as “metáforas frustradas” (CANDIDO, 1965, p.lxiii) de Manuel Bandeira, localizadas por Antonio Candido e

Gilda Melo e Souza na Introdução à *Estrela da vida inteira*. Diante de situações que apontam as fortes imposições do destino, com frustrações, em momentos radicais, Manuel Bandeira adota uma “poesia levitativa” que o transporta “a outros mundos longe deste”, como afirmado numa crônica – Mundo de Chagall, de *Andorinha, Andorinha* (BANDEIRA, 1966, p.269).

Entre *Rondó dos cavalinhos* e *Rondó do Palace Hotel* leio o que a Introdução à *Estrela da vida inteira*, em suas páginas primeira e segunda, localiza da poética de Manuel Bandeira como manifestações situadas entre a realidade e sua deformação voluntária pelo onírico, rumo a um sentimento de transcendência, conforme o comentado pelo poeta na crônica de *Andorinha, Andorinha*, acima citada.

Rondó do Palace Hotel traz, preponderantemente, “poesia levitativa”, (BANDEIRA, 1966, p.269) ainda conforme a referida crônica; Rondó dos Cavalinhos encena a levitação do Prado do Jockey Club até a altura do seu restaurante, a fim de que legitime uma cena calcada no onírico e permeada pela experiência de vida do poeta, diante de um congoamento e do mundo. O almoço de despedida do poeta e embaixador do México no Brasil – Alfonso Reyes, no Jockey Club do Rio, um dado da vida nacional, é, incontestavelmente, o eixo propulsor dos movimentos do poema, trabalhado pelo ensaio como uma trajetória da leitura que alavanca, da poesia, múltiplos efeitos poéticos, já dimensionada nos apontamentos da Introdução à *Estrela da vida inteira*:

Uma das maneiras de entender a sua obra é encará-la como reorganização progressiva dos espaços poéticos, a partir de uma concepção tradicional, até chegar a uma concepção nova, segundo o qual os objetos perdem o caráter óbvio que tinham inicialmente. Este critério se justifica ante a evidente fixação do poeta com os espaços vividos e imaginados: o quarto, a sala, a casa, o jardim, a cidade, a rua; depois, os ambientes de sonho, as paragens remotas, as vastidões da fantasia. (CANDIDO, 1965, p.6)

Diante dessa concepção acerca da semântica do espaço na poesia de Manuel Bandeira, Antonio Candido inseriu, em Exercício de leitura, mediante as informações presentes na entrevista realizada por Paulo Mendes Campos com Manuel Bandeira, o estudo da configuração que a espacialidade poeticamente manifesta em Rondó dos Cavalinhos para os lugares do Hipódromo da Gávea – o Prado e o restaurante, como a da despedida do poeta mexicano Alfonso Reyes do Brasil, com almoço, no Jockey Club

do Rio. O momento da poesia, durante as corridas de cavalos, ocupa um vazio deixado pelo poeta e embaixador, ao mesmo tempo em que se dá uma conflagração entre fronteiras europeias, ao lado do voluntarismo político de Getúlio Vargas. Tudo isso durante uma parada de turfe. O dado, o óbvio sempre esteve no âmbito dos fatos que animam a poesia a partir do espaço da Hipódromo da Gávea, um lugar desmedido e que funde vivências, experiências pessoais, com política nacional e internacional, fazendo-se num espaço fantasmático, poético, regido por emoções que se encontram à deriva, permeadas pelo imaginário do poeta.

Adolfo Casais Monteiro, no ensaio Manuel Bandeira, reunido em *Figuras e problemas da literatura brasileira contemporânea*, encontra no livro de poesias de Manuel Bandeira – *Estrela da manhã*: “[...] as poesias da libertação desenfreada, em que nada prende as imagens, em que a imaginação está em contacto direto com as forças descoordenadoras do mais anárquico que há do homem”. (Casais Monteiro, 1972, p.118). Essa obra de Casais Monteiro reúne seus estudos sobre a poesia de Manuel Bandeira que se estenderam de 1936 a 1967 e que, de início, muito agradaram ao poeta, uma vez iniciados e anunciados no momento em que era homenageado pelos seus 50 anos. Bandeira registra essa sua satisfação no *Itinerário de Pasárgada*, considerando os escritos de Casais como “a longa análise” da sua poesia. (BANDEIRA, 1990. p.83) No curso dos estudos que o crítico português acumulou sobre a poesia de Manuel Bandeira, destacou entre os rondós de *A Estrela da Manhã*, sua preferência pelo Rondó do Palace Hotel. Elegeu, em primeiro lugar, entre suas poesias do volume: Canção das Duas Índias, a escolhida também por Antonio Candido como modelar para a análise da poética de Manuel Bandeira, conforme lemos em *O estudo analítico do poema*. Antonio Candido, que prefacia *Figuras e problemas da literatura brasileira contemporânea*, volume póstumo com parte da crítica literária de Casais, classificou os estudos do crítico português acerca de Manuel Bandeira como “já clássicos”. (1972, p.7) No momento do prefácio, 1972, Antonio Candido lamenta a morte recente de Adolfo Casais Monteiro que, diante de convite seu, ingressaria na área de Teoria literária e literatura comparada da USP, vindo da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, onde lecionava desde 1962.

Se Adolfo Casais Monteiro localizou em *A Estrela da Manhã* “poesias de uma libertação desenfreada”, Antonio Candido e Gilda Melo Souza identificaram, já em *Libertinagem*, um volume:

apurado e completado pela capacidade de por fora o acessório. O poeta que então se confirma não apenas discerne o nervo da realidade, mas sabe despi-lo dos adornos coloridos e melodiosos que, nos primeiros livros, dispersavam o impacto sobre o leitor. A essa altura, amadurece nele o que poderia chamar o senso do momento poético -, o tato infalível para discernir o que há de poesia virtual na cena e no instante, bem como o poder de comunicar esta iluminação. (1965, p.5)

A composição poética envolve-se com determinadas disposições de ânimo de um autor de ficção. Antonio Candido e Gilda Melo e Souza percebem na poesia de Manuel Bandeira, conforme as observações acima, o pronunciamento de uma voz lírica já liberta das sombras da morte e mais atenta aos enigmas da palavra. Numa crônica de *Flauta de papel*, de três de abril de 1957, intitulada Chave do Poema, em clara referência à poesia de Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira escreveu ao seu leitor: “Eu vos direi no entanto que toda poesia é enigma. Toda palavra, antes que lhe conheçamos o significado, é um enigma formidável”. (BANDEIRA, 1990, p.514) Assim, considero que Rondó do Palace Hotel aproxima-se do mistério, em meio ao onírico e dadas emoções manifestas de maneiras desencontradas; Rondó dos Cavalinhos avizinha-se do decifrável. No texto de Rondó do Palace Hotel encontro-me com o indecifrável; deparo-me, em Rondó dos Cavalinhos, na estrutura do rondó, a partir do estribilho, com fatos que ordenam a revelação da presença do poeta no poema, com emoções enclausuradas numa cena literária que expõem dados e lamentos de acontecimentos observados.

Ao discernir, conforme Antonio Candido e Gilda Melo e Souza, o nervo da realidade e amadurecer o senso para o momento poético, com inventividade, Manuel Bandeira mostra-se com a possibilidade de trabalhar o acaso, explorando, diante da sua necessidade de fazer poesia, um acontecimento, algo óbvio e que transparece para os que exercitam uma prática interpretante da literatura por meio de uma entrada consistente de leitura, com a finalidade de desvendar o tema escondido de um poema diante dos elementos palpáveis do texto. Tal atitude e elementos possibilitaram a Antonio Candido descrever, em Exercício de leitura, os efeitos que a ordenação da forma exerce na manifestação de uma visão de mundo estabelecida pela literatura na poesia Rondó dos Cavalinhos, de Manuel Bandeira, conforme um espírito crítico também já manifesto em conferência na XXIV Reunião da SBPC, no ano de 1972, em São Paulo, relativo à função humanizadora da literatura, a que comunica a forma de um

conhecimento resultante da força da palavra organizada no interior de um texto sem distanciamento do dado da realidade empírica.

Referências

ANTUNES, Benedito; FERREIRA, Sandra. (Orgs.) *50 anos depois*. Editora Unesp, 2014.

APRESENTAÇÃO. **Texto**, Araraquara, n.1, [p.7], 1976.

BANDEIRA, M. Manuel Bandeira fala de sua obra. Entrevistador: Paulo Mendes Campos. **Província de São Pedro**, Porto Alegre, n.13, p.124-140, 1949.

BANDEIRA, Manuel. Mundo de Chagall. *Andorinha, Andorinha*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1966.

BANDEIRA, Manuel. Itinerário de Pasárgada. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1990. p.26-102

BANDEIRA, Manuel. Chave do Poema. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1990.

CANDIDO, Antonio. A Organização do 2º Congresso. In: ANTUNES, Benedito; FERREIRA, Sandra. (Orgs.) *50 anos depois*. Editora Unesp, 2014. p.215-218

CANDIDO, Antonio. *O estudo analítico do poema*. Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

CANDIDO, Antonio. Exercício de leitura. **Texto**. Araraquara, v.1, n.1, p.9-19, 1975.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. **Ciência e cultura**, São Paulo, v.24, n.9, p.803-809, set. 1972.

CANDIDO, Antonio. Casais. In: CASAIS MONTEIRO, Adolfo. *Figuras e problemas da literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1972. p.5-7

CANDIDO, Antonio; MELLO e SOUZA, Gilda. Introdução. In: BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1965. p.l-lxx

CASAI MONTEIRO, Adolfo. Manuel Bandeira. *Figuras e problemas da literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1972. p.95-119

NOGUEIRA Galvão, Walnice. *Aula de Antonio Candido*. [Orelha] In: CANDIDO, Antonio. *O estudo analítico do poema*. Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

SCHWARZ, Roberto. 19 Princípios para a Crítica Literária. **Almanaque**. Cadernos de Literatura e Ensaio. São Paulo, n.2, p.5, 1976.